



Este projeto é financiado
pela União Europeia

Plano de aula 3 – Estereótipos de gênero e esportes

O esporte e lazer são importantes dimensões para a promoção da qualidade de vida, da inclusão social, da cidadania e da saúde. Além da diversão, a prática de esportes facilita a criação de novos espaços de socialização. A Constituição Federal, inclusive, elenca o lazer como um dos direitos sociais, e aponta o dever do Estado em fomentar os esportes.

Todavia, as desigualdades de gênero se expressam no acesso das mulheres no esporte, impedindo o pleno exercício de seus direitos. Durante muito tempo o esporte foi considerado um espaço masculino e, até o ano de 1979, as mulheres eram proibidas de praticar lutas e jogar futebol, uma vez que estas práticas eram consideradas incompatíveis e inadequadas para o sexo feminino.

Apesar de, nas duas últimas décadas, ter aumentado significativamente o ingresso mulheres nos esportes, as diferenças entre as mulheres e os homens, principalmente no que diz respeito aos recursos destinados para a práticas desportivas femininas, ainda é uma realidade. Do mesmo modo, a visibilidade das esportistas mulheres na mídia e nos meios de comunicação ainda é bem menor que dos homens.

Felizmente, as coisas estão mudando. Um exemplo ocorreu durante os Jogos Olímpicos de Londres (2012) quando, pela primeira vez, os 205 países participantes tiveram pelo menos uma mulher como parte da equipe olímpica. Outro fato que chamou atenção nestes jogos foi que as equipes da Arábia Saudita, do Catar e de Brunei tiveram, pela primeira vez, atletas mulheres em sua composição. Do mesmo modo, a delegação dos Estados Unidos teve uma maioria de mulheres entre seus membros. No total, a presença feminina nessas Olimpíadas chegou a mais de 40% dos esportistas.

Nestas aulas, a ideia é desconstruir estereótipos e promover a inserção igualitária de mulheres e homens na área do esporte, seja ele profissional ou não.

Aula 1 – Concordo ou discordo?

Objetivo	Duração	Materiais
Mapear as percepções dos/as participantes sobre a igualdade de gênero nos esportes.	± 50 minutos	Canetas e cópia dos formulários para todos/as os/as participantes (folha de apoio 1). Quadro com as afirmações e opções. Cópia do texto Guerreiras Futebol Clube para todos/as (Folha de apoio 2).

Passo a passo

1. Dê as boas-vindas para os/as participantes e explique que, neste momento, irão receber um formulário tem como objetivo conhecer as percepções sobre homens e mulheres nos esportes.
2. Explique que eles/as deverão fazer um **X** nas opções que julgarem mais apropriadas (Concordo, Tenho Dúvidas, Discordo). Reforce que é um trabalho individual e que é importante que cada pessoa responda o que realmente acha.
3. Pergunte se alguém tem alguma dúvida e distribua os formulários.
4. Conforme forem terminando, peça que aguardem um pouco.
5. Quando todos/as terminarem, vá até o quadro de afirmações e opções e escreva o número de vezes que foram escolhidos em cada campo (concordo, tenho dúvidas, discordo). Informe que essas frases foram proferidas por professores/as de educação física em uma pesquisa.
6. Abra para o debate, utilizando as seguintes perguntas:
 - ✓ *Existem esportes só de meninos? Quais?*
 - ✓ *Existem esportes só de meninas? Quais?*
 - ✓ *Em que esportes as mulheres se saem melhor? Quais? Por que?*
 - ✓ *Em que esportes os homens se saem melhor? Por que?*
 - ✓ *Existe violência nos esportes? Em quais modalidades? Quem pratica atos violentos durante os jogos? Homens ou mulheres?*
7. Após o debate, em conjunto com os/as participantes da aula avalie as respostas, refletindo sobre as afirmações que demonstram um pensamento pró-igualdade ou contrário à igualdade. Favoreça a identificação sobre os pensamentos preconceituosos que ainda existem sobre as mulheres nos esportes e peça sugestões para desconstruir essas ideias na escola e outros espaços de convivência. Distribua o texto Guerreiras Futebol Clube (Folha de apoio 1) para todos/as e proponha uma leitura coletiva.
8. Finalize informando que no próximo ano (2016), o Rio de Janeiro sediará as próximas Olimpíadas e que já é preciso falar sobre a importância de acabar com preconceitos e estereótipos, para que as

meninas e os meninos possam escolher qual a modalidade esportiva eles/as querem praticar. Quebrar as barreiras sobre o que a sociedade considera como esporte feminino ou masculino é muito importante para um mundo mais igualitário.

Folha de apoio 1 – Concordo ou discordo¹			
Você está recebendo uma folha com questões, na qual deverá assinalar suas respostas. Leia atentamente cada afirmação e faça um X na opção que você acha mais adequada. Qualquer dúvida pergunte ao/à educador/a.			
Afirmações	Opções		
	Concordo	Tenho dúvidas	Discordo
1. A dificuldade de aprendizagem do futebol pelas meninas e mulheres é resultante do nível inferior de desenvolvimento das habilidades requisitadas para a prática desse esporte.			
2. A violência entre jogadores de futebol do sexo masculino faz parte do jogo.			
3. As mulheres que praticam esportes têm a musculatura da perna muito desenvolvida, prejudicando seu corpo e sua feminilidade.			
4. As meninas têm menos oportunidades de treinar um esporte, pois não podem frequentar locais considerados perigosos.			
5. Os meninos gostam de participar de treinos mistos com as meninas, por que é uma forma deles se sentirem superiores.			
6. O futsal é o esporte mais adequado para as meninas porque a quadra é menor e o desgaste físico não é tão violento quanto o futebol. Além disso, no futsal a mulher se adapta mais rapidamente.			
7. Nos jogos, as meninas são mais problemáticas. Elas menstruam e tem cólica. Isso atrapalha a competição.			

¹ Frases inspiradas em: FREITAS, Lígia Luís de. **Gênero e futebol feminino**: preconceitos, mitos e sexismo na prática discursiva de docentes da educação física. Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/ge23/t236.pdf>. Acesso em 01 de junho de 2015.

Folha de apoio 2- Guerreiras Futebol Clube

A equipe Guerreiras Futebol Clube (GFC) existe desde o ano de 2005 e está localizada próxima a uma estação de trem da periferia paulistana. Partindo do centro da cidade –Estação da Luz – até o local leva-se, aproximadamente, uma hora de viagem. Ana é a principal personagem desse cenário. Ela, fundadora e jogadora da equipe, é uma mulher negra de 45 anos proveniente do sertão do Estado da Bahia. Foi somente por causa do futebol que conseguiu sair do seu estado de origem, um espaço de pobreza e sem oportunidades segundo ela, e mudar-se para São Paulo aos vinte anos de idade. Para Ana, viver em São Paulo era a possibilidade de concretizar seu sonho de ser jogadora de futebol. E assim foi. Ana jogou bola por aproximadamente 10 anos em equipes de futebol feminino da periferia paulistana. Por sua atuação foi eleita e condecorada, no ano de 1999, como personalidade do bairro onde mora.

Ana, com 36 anos, já estava afastada dos campos como jogadora, mas permanecia atuando na qualidade de assistente junto a alguns técnicos e treinadores. Segundo ela, alguns fatores foram essenciais para a formação da equipe G.F.C.. Uma delas, a interdição etária que a afastava dos campos de futebol. Outra questão era trabalhar na condição de assistente, seguindo ordem de homens, o que gerava muitos conflitos e desavenças pessoais;

A partir dessas observações e constatações Ana resolveu fundar sua própria equipe: o G. F.C. Nesta equipe ela segue jogando e atuando como treinadora e coordenadora, detendo o comando e exercendo a centralidade na vida de outras pessoas, no caso, as atletas sob sua responsabilidade.

Além disso, o Guerreiras F.C. configura-se um novo espaço de sociabilidade e lazer para as jovens mulheres da periferia. Ana considera sua atuação na equipe GFC como um trabalho social sem fins lucrativos, que resgata mulheres negras e pobres do bairro onde mora de situações de risco e vulnerabilidade.

Fonte: Adaptado de Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/1621#tocto1n2>. Acesso em 11 de julho de 2015.

Aula 2 – Basquete

Objetivos	Duração	Materiais
Envolver os/as participantes na busca por relações esportivas mais igualitárias e inclusivas, utilizando um jogo de basquete misto e diversificado.	Duas aulas de ± 50 minutos cada.	Bola de basquete, quadra, rede, cestas, texto Esporte e empoderamento das mulheres.

Passo a passo

1. Inicie a aula perguntando aos/às participantes se já jogaram ou conhecem o jogo de basquete e, depois das falas dos/as alunos/as conte rapidamente a história deste esporte no Brasil:
O Basquetebol começou a ser praticado no Brasil em 1896, no Colégio Mackenzie, instituição de ensino anglo-americana, situada na cidade de São Paulo – SP, através do professor norte-americano Auguste Farnham Shaw. Inicialmente o novo esporte foi praticado por mulheres, alunas internas do Mackenzie e, logo a seguir, pelas alunas do Instituto de Educação Caetano de Campos, também na cidade de São Paulo. Este início ajustou-se às concepções de James Naismith, criador da modalidade, que considerava o basquetebol um jogo perfeitamente adequado ao sexo feminino. Tanto é, que as duas primeiras publicações sobre o basquetebol no Brasil foram dirigidas particularmente às mulheres, uma vez que, por ser um jogo cuja natureza inibe os empurrões e o maior contato físico, realmente tenha se apresentado como ideal para o sexo feminino. Depois de muita resistência, Shaw conseguiu convencer aos seus alunos do sexo masculino de que o basquete não era um jogo exclusivo de mulheres.
2. Peça que se dividam em quatro grupos e convide os/as participantes para jogarem em grupos mistos, dividindo-os em duas equipes.
3. Depois do jogo, abra para o debate a partir das seguintes questões:
 - ✓ Como foi jogar basquete com uma equipe formada por meninas e meninos?
 - ✓ Que tipo de faltas foram cometidas? Por quem? Meninas ou meninos?
 - ✓ Ocorreram situações de violência entre os/as jogadores/as? Quais?
 - ✓ Como os esportes poderiam influenciar na desconstrução de estereótipos?
4. Continue a atividade explicando que a prática de esportes favorece o aprendizado de habilidades tais como a disciplina, a confiança e a liderança e ensina princípios fundamentais, tais como a tolerância, a cooperação e o respeito. É bem mais do que um método prático para se atingir o desenvolvimento e a paz. É também um direito humano tal como apontado no artigo 1º da *Carta da Educação Física e do Esporte* adotada pela UNESCO em 1978, declarando que: a prática da educação física e do esporte é um direito humano fundamental para todos. Esta carta também reforça que toda pessoa

tem o direito de participar no esporte, incluindo especialmente mulheres, jovens, pessoas idosas e pessoas com deficiência. Outros instrumentos das Nações Unidas também reconhecem a importância do acesso e da participação no esporte como, por exemplo, a Convenção da Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra Mulheres - CEDAW. Nos tempos mais atuais, as mulheres têm dado um verdadeiro show de profissionalismo e de conquistas de medalhas. Em 2008, por exemplo, a medalha de ouro feminina em prova individual foi conquistada por Maurren Maggi, no salto em distância. A judoca Ketleyn Quadros garantiu a primeira medalha individual do esporte feminino brasileiro neste mesmo ano. Nos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de Londres em 2012 as mulheres representaram 44% do total de atletas participantes dos Jogos Olímpicos e 35,4% dos Jogos Paraolímpicos, caracterizando-se como os maiores percentuais registrados até então. A delegação brasileira esteve representada por 47,47% de mulheres nos Jogos Olímpicos e por 37,57% nos Jogos Paraolímpicos, percentual inédito na história do esporte nacional. Com relação à classificação geral, ocupou o 22º lugar nos Jogos Olímpicos conquistando 17 medalhas. As mulheres venceram no boxe, judô, pentatlo, vôlei e vôlei de praia (2 ouros e 4 bronzes, totalizando 6 medalhas) e os homens no boxe, futebol, ginástica artística, judô, natação, vela, vôlei e vôlei de praia (2 ouros, 5 pratas e 5 bronzes, totalizando 11 medalhas). Nos Jogos Paraolímpicos ficou na 7ª posição na classificação geral com 43 medalhas. As mulheres venceram no atletismo, judô e natação (3 ouros, 4 pratas e 4 bronzes, totalizando 11 medalhas) e os homens no atletismo, bocha, esgrima, futebol de 5, *goalball*, judô, natação (19 ouros, 9 pratas e 4 bronzes, somando 32 medalhas). De um total de 60 medalhas ganhas nas duas competições, as mulheres foram responsáveis por 17 delas, com destaque para algumas modalidades pouco associadas ao sexo feminino como boxe, pentatlo, judô olímpico e paraolímpico (GOELLNER, 2012). Nos Jogos Pan-Americanos de Toronto (2015), a judoca Érika Miranda recebeu a primeira medalha de ouro do Brasil.

5. Encerre distribuindo o texto *Esporte e empoderamento das mulheres* (folha de apoio 1) e, após a leitura, pergunte ao grupo como é possível tornar os esportes na escola mais igualitários.

Folha de apoio 1 – Esporte e empoderamento das mulheres

O envolvimento das mulheres nos esportes é uma forma de empoderá-las, desenvolvendo competências e habilidades que, muitas vezes, lhes foram negadas devido a concepções rígidas de gênero e a uma socialização sexista. Isso envolve:

1. Tornarem-se fisicamente mais fortes e saudáveis.
2. Desenvolver controle e compreensão sobre os seus corpos. Se uma garota considera que deve tomar as decisões sobre o seu corpo, é mais provável que ela se torne mais consciente a respeito da integridade do seu corpo.
3. Desenvolver habilidades para a vida como confiança e liderança.

4. Desafiar normas socioculturais e estereótipos de gênero em suas comunidades e na sociedade. Quando as garotas praticam esportes, aumentam seu questionamento sobre noções enraizadas de masculinidade e feminilidade.
5. Os esportes proporcionam uma plataforma natural de compartilhamento de informação e educação para garotas e jovens mulheres e suas comunidades a respeito dos direitos das mulheres.
6. Se reunir com outras pessoas, com diversidade de classe, gênero, raça, nacionalidade, pode promover o respeito mútuo e o melhor entendimento entre as pessoas
7. Se tornarem líderes, serem inspiradas por modelos fortes, testemunharem e serem aplaudidas por seus progressos, e usar as suas vozes. O esporte aumenta a confiança das garotas sobre suas próprias habilidades. Isso se traduz em seu dia a dia, as encoraja a tomar iniciativas e tentar coisas que antes elas não consideravam capazes de executar.

Fonte: Instituto NOOS. (2007). **A Mulher e o esporte:** a experiência dos municípios do Rio de Janeiro e de São Paulo. Rio de Janeiro: NOOS. Disponível em: http://www.noos.org.br/docs/resumofinal_port.pdf. Acesso em 15/07/2015.

Aula 3 – Jornalista por um dia

Objetivo	Duração	Materiais
Favorecer a discussão sobre a importância da Educação Física para o desenvolvimento de aulas que promovam a igualdade entre os gêneros, contribuindo para a desconstrução dos mitos e estereótipos que ainda existem na prática esportiva.	50 minutos	Jornais e revistas atuais, textos fotocopiados, canetas coloridas, cartolina ou folha de papel grande.

Passo a passo

1. Inicie a atividade explicando que homens e mulheres são igualmente capazes de obter sucesso em diferentes práticas desportivas. O que geralmente falta são investimentos e incentivos para que as meninas tenham maior participação no cenário dos esportes. Do mesmo modo, devido ao racismo e à homofobia, muitos atletas acabam sendo prejudicados em suas carreiras. Lembre a eles/as que esporte não se resume somente à competição, mas precisa de colaboração, cooperação e respeito.
2. Para se discutir essas questões, explique que a ideia é a de se elaborar um jornal mural com o tema: *Igualdade de Gênero nos Esportes*.
3. Peça que se organizem em grupos e que pesquisem jornais e revistas atuais e na internet que escrevam suas ideias sobre a importância da igualdade entre homens e mulheres nos esportes, sendo que cada grupo elaborará uma notícia:
Grupo 1 – Por que abordar a igualdade de gênero nos esportes?
Grupo 2 – Como os esportes - masculinos e femininos – surgiram?
Grupo 3 – Esportes, preconceitos e estereótipos.
Grupo 4 – Ideias para a realização de atividades esportivas mais igualitárias.
4. Uma vez definido os temas do grupo, os textos precisam ser escritos em letra grande para facilitar a leitura e os títulos precisam ser coloridos para separar uma notícia da outra. Além disso, pode-se utilizar fundos coloridos para destacar determinadas informações etc.
5. Com os textos prontos e as imagens selecionadas/desenhadas, é preciso determinar o espaço necessário para dar cobertura às notícias. A dimensão do jornal mural depende do número e do tamanho das notícias e artigos. Também é preciso identificar os locais de maior visibilidade para colar o jornal mural e checar se estes locais têm espaço suficiente para a leitura das notícias sem perturbar a passagem das outras pessoas.
6. Esta versão em papel pode ser fotografada e disponibilizada em diferentes veículos digitais como blogs, sites de relacionamento etc.
7. Encerre enfatizando que, em várias partes do mundo, os esportes são utilizados para o empoderamento de meninas e mulheres, como mostra os exemplos abaixo:

- ✓ O logotipo da ONU Mulheres ilustra as camisetas dos jogadores do clube de futebol espanhol Valencia como forma de engajar homens e meninos em todo o mundo em um diálogo a favor da igualdade de gênero e empoderamento das mulheres.
- ✓ A 1ª Copa Universitária de Futebol Feminino, disputada por 24 times de futebol vinculados a universidades públicas e privadas, aconteceram no Centro Olímpico da Universidade de Brasília (UnB), na Associação dos Servidores da Câmara dos Deputados (Ascade) e na Associação dos Empregados do Serpro de Brasília (ASES). Durante o primeiro jogo, as equipes da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) e da Faculdade Ateneu (FATE Ceará) apoiaram a campanha “O Valente não é Violento”, que conta com o envolvimento de todas as agências das Nações Unidas e é coordenada pela ONU Mulheres.
- ✓ Inspirada na Campanha Brasileira do Laço Branco, a campanha *Homens pelo fim da violência contra a mulher*, realizada por Promundo-Brasil, teve o objetivo de sensibilizar, envolver e mobilizar os homens no engajamento pelo fim da violência contra a mulher no Morro dos Prazeres, Rio de Janeiro. A campanha consistia em três dimensões: oficinas de sensibilização com homens, campanha de comunicação comunitária e um campeonato de futebol, chamado “Sem violência, só Prazeres”. O campeonato de futebol, que teve a duração de 2 meses, foi pensado como uma estratégia de mobilização comunitária para a difusão do combate à violência contra mulher e contou com o envolvimento dos moradores durante os jogos e a integração das famílias em torno do tema do combate à violência contra mulher e da equidade de gênero.
- ✓ O Programa Women Win dedica-se à promoção do desenvolvimento das mulheres por meio dos esportes. Desde 2007, o Women Win trabalha com meninas e mulheres, homens e meninos, líderes comunitários, doadores e investidores para avançar na realização do esporte como uma estratégia poderosa para o enfrentamento da desigualdade de gênero e empoderamento de meninas e jovens mulheres. Já realizado em outros países como Índia, Nepal e Etiópia, o Women Win (WW) tem o objetivo de construir habilidades de liderança em jovens adolescentes e meninas, por meio de programas esportivos, aumentando a sua habilidade de influenciar nas decisões que impactam suas vidas. No site <http://womenwin.org/> disponibiliza-se uma página de vídeos com histórias de mulheres em várias partes do mundo que desenvolveram liderança por meio dos esportes. O Women Win é internacionalmente reconhecido como centro de excelência em gênero e esporte.

Leia +

O livro infantil ***Chutando Pedrinhas*** trata da relação de um pai com sua filha e de como alguns padrões de gênero limitam os desejos e sonhos dessa menina por reservarem papéis específicos para homens e mulheres na sociedade. Pai e filha, pela via do diálogo e do afeto, desconstróem velhos conceitos e

criando os pilares para uma educação baseada na igualdade e no respeito à individualidade. A história é produto da criação coletiva de 17 meninas moradoras do Morro dos Prazeres, no Rio de Janeiro

Disponível em: <http://promundo.org.br/wp-content/uploads/sites/2/2015/01/Livro-Infantil-Chutando-Pedrinhas.pdf>

Sessão de cinema

O **Campeonato de futebol do Laço Branco**, inspirado na Campanha Brasileira do Laço Branco, foi um projeto desenvolvido pelo Promundo em 2010 na comunidade Santa Marta (Rio de Janeiro), utilizando como estratégia de mobilização comunitária um campeonato de futebol associado a oficinas educativas e rodas de conversa sobre prevenção da violência, igualdade de gênero, paternidade e cuidado para homens. Além do campeonato e das oficinas, também foi implementada uma campanha para ampliar o alcance dos temas em nível comunitário que tinha como principal objetivo promover a conscientização sobre o papel dos homens e da comunidade no enfrentamento da violência contra as mulheres.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ek4xZXod7sg>

Referências

5 regras do basquete. Disponível em: <http://5coisas.org/5-regras-do-basquete/>

Confederação Brasileira de Basketball: **A História Oficial do Basquete.** Disponível em:
<http://www.cbb.com.br/OBasquete/BasqueteBrasil>

FREITAS, Lígia Luís de. **Gênero e futebol feminino:** preconceitos, mitos e sexismo na prática discursiva de docentes da educação física. Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/ge23/t236.pdf>. Acesso em 01 de junho de 2015.

Instituto NOOS. (2007). **A Mulher e o esporte:** a experiência dos municípios do Rio de Janeiro e de São Paulo. Rio de Janeiro: NOOS. Disponível em: http://www.noos.org.br/docs/resumofinal_port.pdf. Acesso em 12/07/2015.

INSTITUTO PROMUNDO. **Relatório 2011.** Disponível em: <http://promundo.org.br/wp-content/uploads/sites/2/2014/12/Promundo-Relatorio-Anual-2011-portugues.pdf>. Acesso em 01/06/2015.

ONU. **Esporte para o Desenvolvimento e a Paz:** Em Direção à Realização das Metas de Desenvolvimento do Milênio Relatório da Força Tarefa entre Agências das Nações Unidas sobre o Esporte para o Desenvolvimento e a Paz. Disponível em:
<http://www.esporte.gov.br/arquivos/publicacoes/esporteParaDesenvolvimentoPaz.pdf>

Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, Ano II, número 4, Brasília 2012. Disponível em:
<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes>. Acesso em 11 de julho de 2015.